

Chanceler quer reagir

Quito — O chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro disse ontem ao chegar a Quito para a Conferência Econômica Latino-Americana (CELA), que o Brasil, o país mais endividado do mundo, espera a definição, durante o encontro, de "criterios que restaurem a esperança do retorno ao desenvolvimento".

Guerreiro disse que a continuidade da atual crise econômica líquidaria com os países latino-americanos, especialmente o Brasil, cuja dívida externa é superior a 90 bilhões de dólares.

"Precisamos encontrar um meio capaz de evitar uma contratação ainda maior de nossa economia", afirmou o chanceler brasileiro no segundo dia da conferência enquanto a cúpula técnica dos países latino-americanos aproximava-se de um consenso para pedir em bloco que os países industrializados colaborem na reconstrução de suas economias, reduzindo as exigências financeiras e facilitando o comércio exterior.

Participantes da CELA consideram que a posição de Saraiva Guerreiro — pelo peso do Brasil no concerto regional e pelo volume de sua dívida externa — será vital para o resultado do encontro.

Vários delegados à conferência foram unânimes ontem em dizer que existe uma ampla ba-

se de acordo para a elaboração do documento final da reunião em cuja redação final os representantes dos países membros já trabalham, no Hotel Colon, de Quito.

Os países latino-americanos afirmam de um modo geral que a crise atual é "a mais grave e profunda do século" e que sua dívida externa em torno de 350 bilhões de dólares só pode ser paga "preservando-se a evolução dos mercados latino-americanos e ampliando-se o mercado regional".

Segundo a linha mestra do documento final da conferência iniciada anteontem e que deve terminar sexta-feira, os países latino-americanos já adotaram todos os ajustes possíveis de suas economias, sendo agora necessário vincular obrigatoriamente o problema da dívida externa às correntes do comércio e ao financiamento internacional para que o serviço da dívida conserve uma certa relação com a capacidade real de pagamento.

O secretário do Sistema Econômico Latino-Americano (SELA), o chileno Sebastian Alegret, disse que nas circunstâncias atuais "a América Latina não pode pagar sua dívida", ao passo que o secretário da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), o uruguai

Enrique Iglesias, declarou que a região "não pode continuar ajustando sua economia", ao falar na conferência que entra quinta-feira em sua fase política de alto nível.

São aguardados hoje e amanhã em Quito os presidentes Belisário Betancur Cuartas, da Colômbia, Salvador Jorge Blanco, da República Dominicana; Luis Alberto Monge, da Costa Rica; o primeiro-ministro da Jamaica, Eduard Seaga; os vice-presidentes do Peru e de Cuba, além dos chanceleres da maioria dos países da região.

O presidente do Equador, Osvaldo Hurtado, que convocou a reunião, também participará da fase política da conferência que divulgará no seu encerramento a "Declaração de Quito" contendo os pontos de concordância dos países-membros a braços com o desemprego, a descapitalização, a inflação galopante e a recessão industrial.

Segundo dados apresentados à conferência, que congrega 30 países, o Produto Nacional Bruto (PNB) "per capita" caiu durante 1983 em 12 por cento no Brasil, mais de 10 por cento na Venezuela e Honduras, 20 por cento em El Salvador, Bolívia e Costa Rica, 15 por cento no Uruguai e Peru, 40 por cento no Chile e 13 por cento na Argentina e na Guatemala.